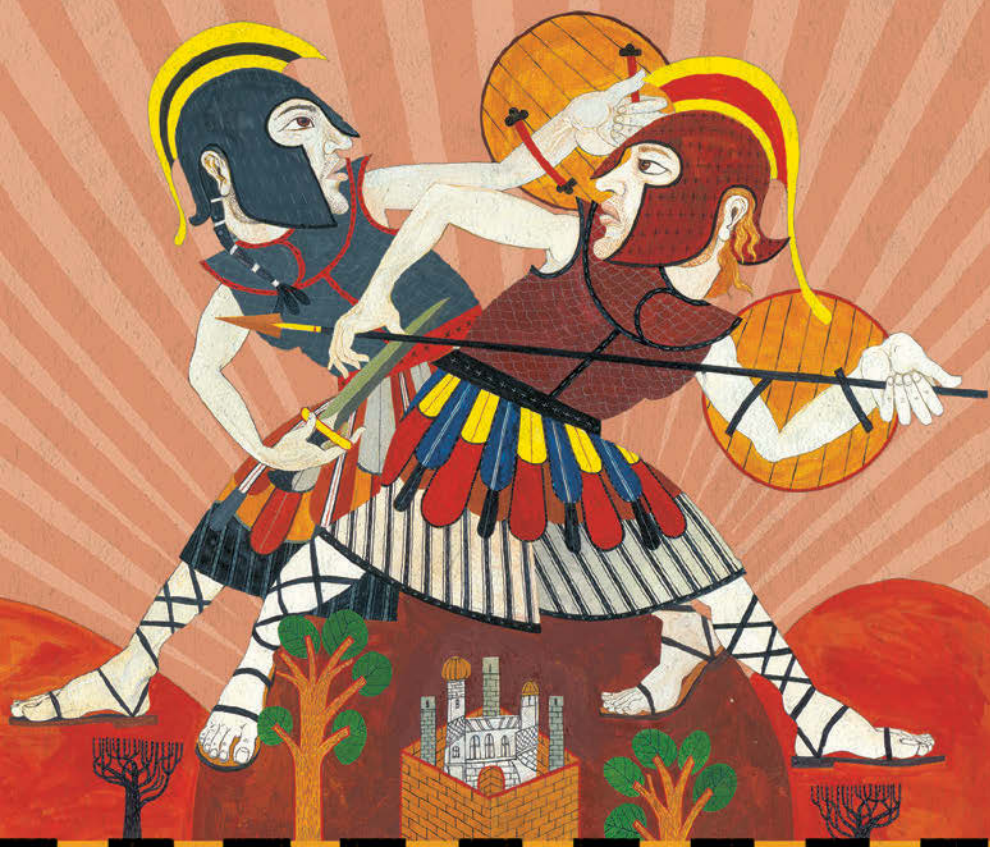


# A ILÍADA E A ODISSEIA

DE HOMERO



Adaptação de **GILLIAN CROSS**  
Ilustrações de **NEIL PACKER**

*Para o Martin, com muito amor*

Gillian

*Para a Emily Carol Bickerton*

*(1965–2008), com amor*

Neil e Arvo

# ÍNDICE

## **INTRODUÇÃO ..... 12**

O Mistério de Troia..... 12

O Mistério de Homero .....13

### **Parte I**

## **A ILÍADA ..... 17**

A Maçã Dourada ..... 19

A Contenda..... 23

Dentro das Muralhas de Troia .....31

Combate Individual .....39

Páris Faz uma Oferta e os Gregos Fazem uma Muralha.....47

Gregos em Fuga..... 53

Negociando com Aquiles .....59

Espiões.....63

Um Desastre para os Gregos ..... 69

Os Deuses Interferem .....79

Pátroclo Disfarçado .....85

Pátroclo Cumpre o Seu Destino .....93

Uma Armadura Fabulosa .....105

Aquiles Parte para a Batalha ..... 113

Os Deuses Tomam Partido.....117

Lutando com o Rio .....125

O Último Combate de Heitor ..... 131

Honra e Desonra.....141

E Depois?.....151

## Parte II

### **A ODISSEIA ..... 159**

A Guerra .....161

Navegar ao Encontro do Infortúnio ..... 165

O Gigante da Caverna .....175

Éolo e Circe..... 193

Fantasmas e Monstros ..... 219

Preso na Ilha de Calipso.....243

Nausícaa .....259

Ulisses, O Mendigo .....279

Um Marido para Penélope..... 299

# INTRODUÇÃO



## INTRODUÇÃO

A *Ilíada* e a *Odisseia* são duas das maiores obras épicas do mundo. Durante quase 3000 anos têm mantido o seu fascínio com os seus relatos da Guerra de Troia e das aventuras de Ulisses.

Mas serão essas histórias verdadeiras? E quem as escreveu?

## O MISTÉRIO DE TROIA

Até há 300 anos, a maioria dos estudiosos ocidentais acreditava que a Guerra de Troia era apenas uma história e que Troia era um lugar inventado, como Nárnia, Hogwarts ou Oz. Mas, em 1870, um alemão rico chamado Heinrich Schliemann resolveu fazer escavações num monte em Hisarlik, na Turquia.

Escavou mesmo junto à base do monte e descobriu as ruínas de uma cidade de muralhas enormes e um incrível tesouro de ouro. Hoje em dia, Hisarlik fica a mais de seis quilómetros da costa, mas no final da Idade do Bronze ficava à beira-mar, exatamente como Troia é descrita na *Ilíada*. Schliemann tinha a certeza de ter descoberto a Troia de Homero.

Tinha razão e, ao mesmo tempo, não tinha. Os arqueólogos modernos acreditam que aquele monte em Hisarlik corresponde de facto à localização de Troia, mas não se trata de uma única cidade em ruínas. Há ali pelo menos nove cidades, cada uma construída sobre a anterior. Como Schliemann escavou diretamente na base do monte, a cidade que descobriu era demasiado antiga para ser a da *Ilíada*. A Troia de Homero era provavelmente a sexta ou sétima cidade das que ali existem.

A sexta cidade era grande e importante. Controlava a estreita entrada para o mar Negro, o que fazia com que valesse a pena lutar por ela. E algumas partes da sétima cidade parecem mostrar sinais de um incêndio, tendo sido descobertos lá ossos humanos e pontas de flechas de bronze.

Portanto, talvez tenha havido realmente uma Guerra de Troia...

## O MISTÉRIO DE HOMERO

E quanto a Homero?

De acordo com os antigos, seria um poeta cego. Mas isso pode não ser verdade. Ele pode ter sido

descrito como cego simplesmente porque se acreditava que os cegos possuíam uma intuição especial e o poder de prever o futuro. Nem sequer há a certeza de que o seu nome fosse Homero.

Sabemos que não foi ele quem terá inventado as histórias que constituem a *Ilíada* e a *Odisseia*. Essas histórias provavelmente foram contadas e recontadas ao longo de mais de 500 anos antes de serem registadas por escrito. Homero usa repetidamente expressões como «Aquiles dos pés ligeiros», «astuto Ulisses» e «mar cor de vinho». Estas expressões sobreviveram desde tempos anteriores à invenção da escrita, quando a narração oral era a única maneira de preservar a história, e os poetas usavam expressões repetidas para os ajudar a lembrar o que tinham de contar.

Então, se Homero não inventou estas histórias, porque é famoso? Porque nos importamos com quem ele foi?

Importamo-nos porque ele transformou estes contos tradicionais em poemas épicos, cheios de *suspense* e emoção. Escreveu-os para pessoas que viam o mundo de maneira muito diferente da nossa. Não compartilhamos da sua relação com a religião nem da sua glorificação da guerra. Mas a *Ilíada*



e a *Odisseia* continuam a empolgar-nos e a fazer-nos refletir sobre o que significa ser-se humano.

É este o verdadeiro e maravilhoso mistério. Não sabemos como aconteceu, mas, de alguma maneira, há milhares de anos, numa época que não conhecemos bem, num lugar que só podemos imaginar, um homem de cujo nome não temos a certeza sentou-se e escreveu poemas que ainda hoje são poderosos e comoventes.

*Gillian Cross*



# A ILÍADA



## A MAÇÃ DOURADA

Esta é a história de um duro conflito entre dois homens orgulhosos e poderosos. Causou a morte a centenas de intrépidos heróis e destruiu uma das maiores cidades do mundo. E, no entanto, tudo começou com algo muito pequeno...

Tudo começou com uma maçã. Uma maçã dourada, gravada com palavras perigosas.

PARA A MAIS BELA.

Três deusas quiseram reivindicá-la. Mas qual delas era a mais bela? Seria Hera, esposa de Zeus, rei dos deuses? Atena, a deusa da sabedoria? Ou Afrodite, a deusa do amor?

Para resolver a questão, deixaram o seu lar, no alto Olimpo, e foram procurar Páris, príncipe de Troia, o homem mais belo do mundo. Encontrando-se Páris sozinho no Monte Ida, elas apareceram diante dele, na sua maior formosura.

— Quem é que deve ficar com esta maçã? — perguntaram-lhe. — Tens de escolher uma de nós!

Páris ficou deslumbrado e aterrado. Mas as três deusas estavam determinadas a conseguir uma resposta. Então, começaram a tentar suborná-lo.

— Escolhe-me! — disse Hera. — Eu dar-te-ei poder e farei de ti um grande governante.

— Escolhe-me! — exigiu Atena. — Vencerás todas as tuas batalhas e tornar-te-ás um guerreiro famoso.

Afrodite fez um sorriso sedutor.

— Escolhe-me — murmurou ela — e casar-te-ás com a mulher mais bela do mundo.

A promessa de Afrodite foi a que mais encantou Páris. Mas criou uma sombra longa e mortal. A mulher mais bela do mundo era Helena de Esparta, que já era casada com o rei de Esparta, Menelau. Afrodite sabia disso, mas prometeu Helena a Páris, e ele estendeu a mão e deu-lhe a maçã.

A contenda que começara no Olimpo transbordou para o mundo humano.

Páris decidiu raptar a esposa do rei de Esparta, com a ajuda de Afrodite. Ele já era o mais bonito, mas ela tornou-o irresistível. Deslumbrada e enfeitiçada, Helena abandonou o marido e fugiu com Páris para Troia, levando consigo um navio cheio de tesouros espartanos.

Menelau sentiu-se ultrajado. Assim como o seu irmão Agamémnon, comandante supremo de todos os Gregos. Os dois irmãos convocaram os outros reis da Grécia para os ajudar a recuperar Helena.

O conflito que começara com uma maçã estendeu-se cada vez mais. Em todos os lugares da Grécia, os reis reuniram os seus exércitos. Frotas de longos navios partiram para Troia, transportando heróis com nomes que viveriam para sempre: o astuto Ulisses de Ítaca; o sábio Nestor, rei de Pilos; o valente Diomedes de Argos e o nobre Ájax, que governava Salamina.

O mais poderoso de todos era Aquiles, o grande corredor, filho da ninfa marinha Tétis. A sua armadura de bronze brilhava ao liderar os temíveis soldados mirmidões a bordo dos seus navios.

Os Gregos atacaram assim que desembarcaram na costa de Troia. Mas Troia não era fácil de conquistar. Estava protegida por rios em dois dos lados e por muralhas altas e fortes. E o rei Príamo, pai de Páris, recusou-se a devolver Helena. Em vez disso, convocou os seus aliados para o ajudarem a defender a cidade.

Além disso, tinha 50 filhos, todos dispostos a lutar por Helena e o seu tesouro. Eram todos homens corajosos, mas o mais destemido de todos e o guerreiro mais nobre era o príncipe Heitor, domador de cavalos.

Os Gregos não conseguiram abrir caminho até Troia, mas recusaram-se a partir sem Helena. Puxando

os seus longos navios para a praia, construíram cabanas ao longo da costa e sitiaram a cidade.

Ninguém imaginava quanto tempo demoraria. Nove anos depois, continuavam por lá, a viver nas mesmas cabanas apertadas. Ainda provocavam batalhas na planície em frente a Troia, e ainda tentavam assaltar as muralhas da cidade. Não pretendiam desistir nem abandonar a guerra, mas todos tinham saudades dos lares que tinham deixado para trás, na Grécia.

Não é de admirar que tenham começado a desentender-se entre si...



## A CONTENDA

Tal como o conflito que deu origem à guerra, esta nova contenda deveu-se também a uma mulher. Os Gregos tinham capturado vários Troianos e Agamémnon aprisionara uma bela jovem chamada Criseida. Só que o seu pai era um sacerdote do deus Apolo e queria a filha de volta. Dirigiu-se até junto dos navios gregos com uma carroça cheia de tesouros, determinado a resgatá-la.

Mas Agamémnon recusou-se a aceitar o tesouro. Tratou rudemente o velho homem e mandou-o embora.



Apolo ficou furioso com aquele insulto ao seu sacerdote. Enxameou os navios gregos de flechas carregadas de peste. Dia e noite, durante nove dias, alvejou mulas, cães e homens. Todo o acampamento grego foi devastado pela doença e pela morte.

Aquiles percebeu a razão daquele massacre.

— É culpa tua — disse ele a Agamémnon. — Deixa o velho sacerdote levar a filha de volta. Senão, teremos de desistir e voltar para casa.

Agamémnon enfureceu-se.

— Tu também fizeste prisioneiros. Porque tenho de desistir dos meus enquanto tu ficas com os teus? Se tiver de devolver Criseida, então quero outra mulher. Podes dar-me uma das tuas. A Briseida!

— Porque haveria eu de ceder? — gritou Aquiles. — Eu e os meus homens merecemos alguma retribuição por lutar na tua guerra. Se nos vais tirar tudo, então bem podemos voltar para casa. Não temos nenhuma contenda com os Troianos!

— Eu sou o teu rei! — trovejou Agamémnon. — Juraste obedecer às minhas ordens!

Aquilo era verdade, mas Aquiles recusou-se a ceder. Furioso, dirigiu-se à sua cabana e ordenou a todos os seus homens que se retirassem da luta.

Agamémnon sabia que só havia uma maneira de acabar com a peste: tinha de devolver a filha ao velho sacerdote. Mas era o comandante supremo do exército grego e não podia permitir que Aquiles o desafiasse. Portanto, depois de enviar Criseida de volta ao pai, mandou dois dos seus soldados à cabana de Aquiles para trazerem Briseida.

Briseida não queria acompanhá-los. Quando saiu da cabana, chorava amargamente. Mas tinha de obedecer às ordens de Agamémnon, por isso os soldados levaram-na dali num instante.

Aquiles ficou sozinho, a olhar para o mar.

Chorou de raiva e humilhação.

— Como pode Zeus tratar-me assim? — gritou, em direção à água. — Não se importa comigo?

No fundo do oceano, Tétis, sua mãe, ouviu-o. Surgiu a flutuar através da água azul transparente até chegar à praia.

— Porque estás tão triste? — perguntou, acariciando o filho com uma mão delicada como neblina.

Em tom amargo, Aquiles contou-lhe. Estava furioso e queria vingança a todo o custo.

— Quero ver o exército grego desbaratado — disse ele. — Vai pedir a Zeus que ajude os Troianos. Quando

o exército grego estiver encurralado no meio destes navios, quando os seus soldados estiverem a ser massacrados, talvez Agamémnon perceba como foi estúpido por me ter perdido e aos meus Mirmidões!

Tétis encarou-o comovida. Sabia que ele estava destinado a morrer jovem. Como poderia negar-lhe algo quando lhe restava tão pouco tempo de vida?

— Vou diretamente a Zeus — disse-lhe.

Deixando Aquiles na praia, voou até ao Monte Olimpo, onde os deuses observam o mundo humano. Atirou-se aos pés de Zeus e agarrou-se aos seus joelhos.

— Pai Todo-Poderoso — invocou ela —, sabes que o meu querido filho Aquiles está condenado a morrer jovem. Agamémnon roubou-o e insultou-o. Dá a Aquiles a sua vingança! Deixa que os Troianos vençam todas as batalhas até que a justiça seja feita.

Zeus olhou para ela e suspirou. Os deuses estavam divididos sobre a guerra em Troia, e Hera, sua mulher, era uma fervorosa defensora dos Gregos. Mas Tétis olhava-o com lágrimas nos seus belos olhos e ele não conseguiu resistir à sua tristeza. Acenou com relutância.

— Fá-lo-ei — garantiu.

\* \* \*

Primeiro, Zeus enviou a Agamémnon um sonho falso para o enganar. Neste sonho, Agamémnon via-se a conversar com o velho Nestor, o mais sábio dos reis gregos.

— Levanta-te, Agamémnon! — disse Nestor, no sonho. — Está na hora de liderares os teus exércitos! Se atacares agora, derrotarás os Troianos e derrubarás as muralhas de Troia. *Lembra-te disto!*

Agamémnon acordou e sentou-se, abalado pelo sonho tão vívido. Reunindo os outros reis, ordenou-lhes que se preparassem para a batalha.

— Recebi uma mensagem de Zeus — contou. — Vamos vencer este combate!

Ao longo de toda a costa, os homens começaram a polir as suas armaduras e a preparar os cavalos das quadrigas. O bronze brilhava à luz do sol e a terra tremia com o estrondo das passadas dos heróis, à medida que os Gregos se preparavam para atacar.

Mas, à volta dos navios de Aquiles, tudo estava silencioso e imóvel. Aquiles continuava amuado dentro da sua cabana, recusando-se a esquecer a discussão com Agamémnon. Os Mirmidões circulavam

ociosamente, observando os seus cavalos a pastar. Nenhum deles participaria nesta batalha.

Do lado de dentro da cidade, os Troianos aperceberam-se do que os Gregos estavam a fazer. Prepararam-se de imediato para os enfrentar. Marcharam pelas Portas Esqueias e formaram linhas num monte chamado Colina dos Espinhos. Mas não estavam ansiosos pelo combate.

E havia ainda uma hipótese de evitar uma batalha em grande escala.

Enquanto o exército grego se aproximava, Páris saiu das linhas troianas. Vestia uma pele de pantera e trazia na mão o seu arco.

— Há algum grego suficientemente corajoso para me enfrentar num combate individual? — gritou ele. — Se resolvermos a guerra assim, pouparemos centenas de vidas.

Menelau saltou imediatamente para a frente, sedento de luta. Estava desejoso de matar Páris e reconquistar a sua mulher. Fixando o olhar furioso nos Troianos, começou a vestir a armadura.

Dentro de Troia, o rei Príamo e os seus conselheiros estavam sentados na muralha da cidade, muito

acima das Portas Esqueias. Não tinham ouvido o que Páris dissera, mas viram o que se estava a passar e inclinaram-se uns para os outros, murmurando ansiosamente.

Enquanto conversavam, Helena surgiu caminhando ao longo das muralhas. Chorava ao olhar os dois exércitos posicionados para a batalha e nem a sua tristeza diminuía a sua beleza.

— Como é bonita! — sussurravam os velhos uns aos outros. — Mas, oh, se ao menos ela nunca tivesse vindo para Troia...

O rei Príamo fez-lhe um gesto para que se aproximasse.

— Diz-me — pediu ele —, qual daqueles heróis gregos é Agamémnon? Onde estão Menelau, Ulisses, Ájax e Diomedes? E qual deles é Aquiles?

Helena olhou para baixo, do alto do muro.

— Aquiles não está ali — respondeu ela. — Mas o homem alto e bonito é Agamémnon. E os outros...

Um por um, ela indicou-os a Príamo. O som dos seus nomes fê-la sentir uma profunda saudade da casa que perdera em Esparta. Mas era demasiado tarde para desfazer o que tinha acontecido. Por mais triste que estivesse, não podia acabar com a guerra.

Lá em baixo, Páris e Menelau estavam frente a frente, de armas em punho. Mas, observando a cena de cima, a deusa Afrodite não tinha intenção de os deixar lutar. Sabia que Menelau era mais rápido e mais forte, e não queria ver Páris morto. Quando Menelau atacou, ela já estava ao lado de Páris, pronta para o proteger.

Menelau agarrou no capacete de Páris, atirando-o ao chão e estrangulando-o com a correia, que Afrodite rapidamente quebrou, empurrando o rei de Esparta para trás. Depois, envolveu Páris numa névoa densa e afastou-o do campo de batalha. Levou-o para a cidade e deitou-o na sua cama macia e perfumada.

Menelau continuava a tentar lutar. Mas, quando atirou a lança à neblina, a primeira caiu no chão sem atingir nada. Depois, a bruma dissipou-se e Páris tinha desaparecido. Menelau sabia que um dos deuses havia interferido.

Não havia mais hipóteses de evitar a batalha. Os carros de guerra gregos avançaram como uma grande onda do mar e os dois exércitos chocaram frontalmente. Com lanças, espadas e flechas, o conflito começou.

## DENTRO DAS MURALHAS DE TROIA

Os Gregos estavam amargamente conscientes da ausência de Aquiles, mas lutaram como leões. Diomedes atacou os Troianos como um furacão e a deusa Atena acompanhou-o, desviando as lanças inimigas da sua quadriga. Parecia que os Troianos iam ser obrigados a recuar para dentro da cidade.

Mas Heitor não estava pronto para ser derrotado. Saltou do seu carro de combate e correu ao longo das linhas troianas, gritando palavras de encorajamento aos seus homens.

— Sejam corajosos, meus amigos! Mantenham as vossas posições! Vou voltar à cidade e oferecer um sacrifício aos deuses. Não seremos vencidos!

Os Troianos sentiram-se inspirados pelo discurso. Começaram a lutar ainda mais ferozmente. Deixando o seu primo Eneias a comandar o exército, Heitor apressou-se a atravessar o portão rumo à cidade.

Ao entrar no palácio do pai, encontrou a mãe, a rainha Hécuba. Ela pegou-lhe na mão, espantada de o ver ali, no meio de uma batalha.





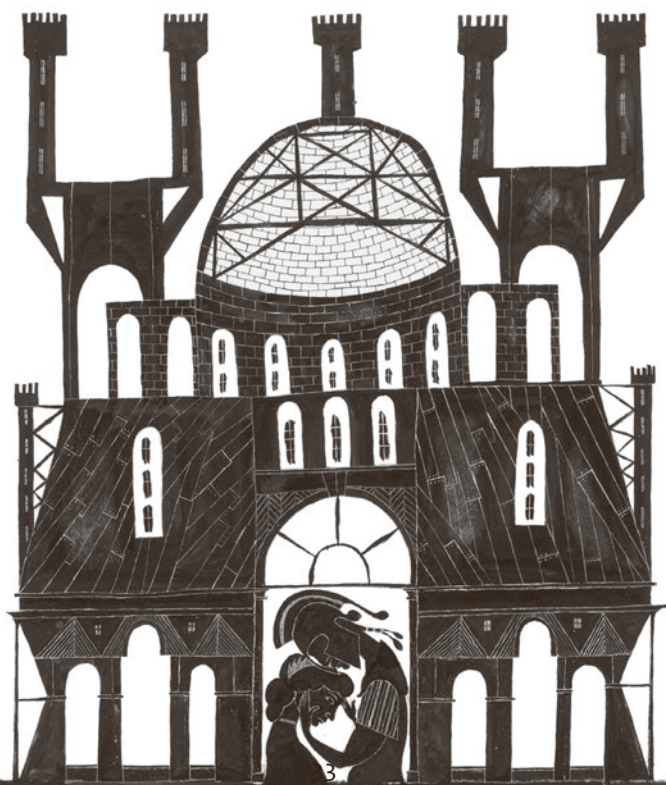
— Que se passa?! — exclamou ela. — Os Gregos chegaram aos muros da nossa cidade? Deves estar exausto. Deixa-me trazer-te uma taça de vinho.

— Não é altura de beber! — bradou Heitor. — Temos de conquistar Atena para o nosso lado. Leva o teu manto mais belo e precioso ao seu templo

e oferece-o no altar. Promete-lhe um sacrifício esplêndido se ela salvar a nossa cidade. Depressa!

Hécuba apressou-se a fazer o que ele pedia e Heitor foi procurar o seu irmão Páris. *Ele causou todo este derramamento de sangue, pensava furioso. Como se atreve a esconder-se na cidade, como um cobarde?*

Irrompeu pelo fabuloso palácio que Páris tinha construído para si próprio e correu todas as divisões,



ignorando os criados. Por fim, encontrou o irmão no quarto, a polir a sua bela armadura. Helena estava sentada ao seu lado, a bordar.

— Porque te escondes aqui? — gritou Heitor, enfurecido. — Todos os outros guerreiros troianos estão a arriscar a vida para manter os Gregos fora de Troia. Devias ter vergonha!

— Eu sei — declarou Páris suavemente. — Mas fiquei mortificado por ter sido arrancado da minha luta com Menelau. Senti-me tão envergonhado que quis esconder-me, mas Helena tem estado a dizer-me que devo voltar para a batalha. Vou contigo, se esperares que eu vista a armadura.

Helena interveio apressadamente, tentando acalmar a raiva de Heitor.

— Perdoa-nos a ambos. Sabemos que toda esta guerra é culpa nossa. Senta-te um momento enquanto Páris se prepara.



— És muito gentil — retorquiu Heitor com alguma frieza —, mas não tenho tempo para ficar sentado na conversa. Vou a casa ver a minha mulher e o meu filho, pois posso não sobreviver a esta batalha.

Saiu apressado, deixando Páris e Helena no quarto. Mas, quando chegou a casa, Andrómaca, sua mulher, não estava lá.

— Ela ouviu dizer que a batalha estava a correr mal — disse uma das suas damas. — Por isso, saiu apressada para ver o que estava a acontecer. E a ama foi atrás dela, levando o bebé Astíanax.

Heitor partiu novamente, em busca de Andrómaca. Quando chegou às Portas Esqueias, ela veio a correr na sua direção, seguida da ama com Astíanax ao colo, o filho querido de Heitor.

Andrómaca desfez-se em lágrimas e agarrou na mão do marido.





— O que farei se fores morto? — chorou ela. — És tudo o que me resta! Não me faças viúva, nem deixes o nosso filho órfão! Fica aqui na cidade e comanda as tuas tropas do alto da Grande Torre.

— Não posso esconder-me aqui como um cobarde — disse Heitor com delicadeza. — Tenho de fazer tudo o que puder para manter os Gregos fora de Troia. Se eles vencerem, saquearão a cidade e levar-vos-ão como escravos. Que a terra caia pesada sobre o meu cadáver antes que isso aconteça!

Estendeu as mãos para pegar no filho. Mas Astíanax nunca tinha visto o pai com a armadura completa e assustou-se terrivelmente com o enorme elmo de Heitor, tentando esconder-se da ondulante pluma de crina de cavalo que a adornava. Heitor e Andrómaca riram-se, enternecidos. Tirou o capacete e pousou-o no chão. Depois, pegou em Astíanax ao colo e deu-lhe um beijo.

— Que Zeus te faça forte e corajoso — sussurrou-lhe —, para que os homens digam: «Ele é um homem melhor do que o pai.» Que triunfes em batalha e que faças feliz a tua mãe.

Entregou o bebé a Andrómaca, e ela sorriu-lhe por entre as lágrimas. Profundamente comovido, Heitor acariciou-lhe o rosto.



— Não podemos escapar ao destino que nos está reservado. — disse-lhe. — Volta para casa e organiza as coisas dentro dela. É esse o teu trabalho e sabes fazê-lo bem. O meu é lutar pela nossa cidade. Tenho de voltar para a batalha. — Pôs o capacete e apertou-o.

Andrômaca regressou a casa, com Astíanax nos braços. Mas não parava de olhar para Heitor por cima do ombro, chorando tristemente. Tinha o terrível pressentimento de que nunca mais o veria vivo.

Quando Heitor se virou na direção do portão, Páris surgiu apressadamente a seu lado, cheio de vida e pujança. A sua armadura brilhava ao sol e ele vinha sorridente.

— Desculpa ter-te feito esperar — disse. — Sei que estás ansioso por voltar à batalha.

— Só estava a tentar proteger a tua reputação — declarou Heitor, com gravidade. — Foste tu quem nos mergulhou nesta guerra e não quero ouvir outros troianos a chamarem-te cobarde. Se estou a cometer uma injustiça, devo-te uma reparação quando a guerra terminar, se Zeus nos permitir vencer. — Sem esperar por resposta, virou-se e saiu pelo portão.

De volta à batalha.

**DOIS GRANDES CLÁSSICOS NUMA EDIÇÃO ILUSTRADA,  
PERFEITA PARA JOVENS LEITORES CURIOSOS  
SOBRE A MITOLOGIA GREGA.**

Épicas e fascinantes, as obras a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero foram e continuarão a ser revisitadas vezes sem conta. As histórias emocionantes, as personagens complexas e a intemporalidade dos temas têm inspirado criadores de todas as formas de arte.

Nesta adaptação para os mais jovens, Gillian Cross dá nova vida a estes clássicos, conduzindo-nos por uma viagem épica onde heróis corajosos enfrentam desafios incríveis e deuses poderosos influenciam o destino dos mortais. Com uma narrativa envolvente, linguagem acessível e as ilustrações de Neil Packer, inspiradas na cerâmica grega, estas epopeias antigas tornam-se próximas, cativantes e inesquecíveis.

Um livro que convida os leitores de hoje a mergulhar em batalhas lendárias como a Guerra de Troia, a seguir as aventuras de Ulisses e a refletir sobre coragem, amizade, perseverança, perda, sofrimento e a complexidade da condição humana.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil



penguinlivros.pt



penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-831-2



9 789895 898312